



Bicentenário da Independência: símbolos em tensão

*Bicentenario de la Independencia:
símbolos en tensión*

*Independence's Bicentennial:
symbols in tension*

Anna Maria Abrão Khoury Rahme
Pesquisadora do GMP FAU USP, São Paulo, Brasil.
annarahme@gmail.com

Resumo

O estudo se fixa nas tensões e contensões entre a história de longa duração idealizada e o fato real sobre a Independência do Brasil neste bicentésimo aniversário, em especial, no tratamento dispensado aos símbolos que deseja fixar em nome da preservação de mitos e ritos de cunho colonialista. Calcado na mobilidade sobremoderna, estabelecido por Marc Augé que trabalha a circulação de indivíduos, produtos e sentidos, procura recordar algumas lembranças apagadas e trazer outras tantas reatualizadas com intuito de esclarecer que a memória de um povo é um processo em constante atualização.

Palavras-Chave: Bicentenário da Independência. Mitos. Ritos. Memória. Marc Augé.

Resumen

El estudio se basa en las tensiones y contensiones entre la historia idealizada a largo plazo y el hecho real sobre la Independencia de Brasil en este bicentenario, especialmente en el tratamiento dado a los símbolos que desea fijar en nombre de la preservación de mitos y ritos de naturaleza colonialista. Basado en la movilidad sobremoderna, establecida por Marc Augé, que trabaja en la circulación de individuos, productos y sentidos, busca evocar algunos recuerdos borrados y traer muchos otros actualizados con el fin de aclarar que la memoria de un pueblo es un proceso en constante actualización.

Palavras-Clave: Bicentenario de la Independencia. Mitos. Ritos. Memoria. Marc Augé.

Abstract

The study is based on the tensions and tensions between the long-term idealized history and the real fact about the Independence of Brazil on this two hundredth anniversary, especially in the treatment given to the symbols it wishes to fix in name of the myths and rites preservation on colonialist nature. Based on the overmodern mobility, established by Marc Augé, who works on the circulation of individuals, products and senses, seeks to recall some erased memories and bring many others updated in order to clarify that the memory of a people is a process in constant updating.

Keywords: Independence's Bicentenary. Myths. Rites. Memory. Marc Augé.

INTRODUÇÃO

As celebrações pelo Bicentenário da Independência do Brasil revelam, mais uma vez, as tensões e contensões entre uma história de longa duração idealizada e o fato real, quando incluem o traslado temporário do coração¹ de D. Pedro I, com permanência em solo brasileiro programada do dia 22 de agosto a 08 de setembro. Reforçam as narrativas oficiais que responsabilizam individualmente o Príncipe Regente pelo Grito do Ipiranga, no dia 07 de setembro de 1822, como se fosse um ato isolado e voluntarioso, ignorando ações anteriormente promovidas por personagens como Da. Maria Leopoldina da Áustria (1797-1826) e José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), fundamentais para aquietar revoltas regionais contra a Coroa Portuguesa.

Tais relatos pretendem consagrar o feito como uma “benesse da realeza” centralizando na figura do futuro imperador a fundação dos novos tempos, promovendo o apagamento de um processo de independência do jugo português. Os mais marcantes foram revoltas contra os altos impostos exigidos pela Coroa e, a

¹ Conforme anunciou à imprensa o chefe do cerimonial do Itamarati, Alan de Séllos, “o coração será recebido no Brasil com honras de Estado e será tratado como se Dom Pedro I fosse vivo entre nós” (CNN Brasil).

maioria, teve caráter separatista, já que o país estava distante de ser uma nação. Entre os movimentos recorde-se a Inconfidência Mineira (1789); a Conjuração Baiana, também conhecida como Revolta dos Alfaiates² (1798); a Revolução Pernambucana (1817); as múltiplas batalhas ocorridas pela Bahia (1821-24) - Ilha da Maré, Conceição, Pituba, Itapuã – que resultaram na tomada da cidade de Salvador pelas tropas revolucionárias em “2 de Julho”.

Some-se a esses fatores a constatação de que, para comemorar os 150 anos de Independência, arquitetou-se a transferência dos restos mortais³ de D. Pedro I para a cripta do Monumento do Ipiranga, em São Paulo. Agora, após 50 anos, os únicos eventos promovidos pela Presidência da República envolveram o espetáculo da visita de um coração mumificado, com recepção presenciada por autoridades nacionais e portuguesas, exposição ao público⁴ na sede do Itamarati em Brasília, por apenas duas semanas, antes do retorno à cidade do Porto em Portugal.

Tais acontecimentos recentes certificam um relato histórico constituído de memórias hegemônicas, cuja parcialidade evidencia o intuito em fixar uma dada narrativa pela manipulação do imaginário nacional. Uma elaboração que não se revela apenas na atualidade, mas acompanha a eleição e sacralização de certos símbolos durante os últimos dois séculos, entre os quais se inserem: a construção do Parque às margens do Rio Ipiranga – local onde supostamente foi dado o Grito - que abriga o *Monumento do Ipiranga*, o *Jardim Francês* e o *Museu Paulista*, mas também a

² Localizada em Salvador, primeira capital do país (1549-1763), a “Conjuração Baiana” tinha por objetivo separar a Bahia de Portugal, abolir a escravatura e atender às reivindicações das camadas pobres da população. Também ficou conhecida como “Conspiração dos Búzios” ou “Revolta dos Alfaiates”, numa referência à profissão de seus líderes João de Deus e Manuel Faustino dos Santos Lira.

³ Os restos mortais de Da. Leopoldina, primeira Imperatriz do Brasil, já se encontravam na cripta do Monumento do Ipiranga desde 1954, enquanto os despojos de D. Pedro I chegaram em 1972 – nas celebrações dos 150 anos da Independência – e os de d. Amélia, segunda Imperatriz, a partir de 1984.

⁴ As solenidades oficiais da recepção ao órgão mumificado, guardado em recipiente de cerca de 9 quilos e protegido pelo chefe de polícia da cidade do Porto, contaram com escolta hípica por integrantes dos Dragões da Independência; passagem em revista à tropa; subida pela rampa do Palácio do Planalto. Na chegada, após execução dos hinos Nacional e da Independência, este último com melodia composta por D. Pedro I, houve a saudação do presidente da República, Jair Bolsonaro. Após a cerimônia o coração retornou ao Itamaraty, onde foi o objeto central de uma exposição, aberta apenas para convidados e estudantes de escolas públicas.

pintura *Independência ou morte* de Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905), incessantemente reproduzida.

Os estudos aqui apresentados destacam os aspectos da colonialidade presente numa História do Brasil de longa duração e que permanecem inerentes ao calendário das comemorações de 2022, apontando para o reforço dos *mitos* que envolvem os “fatos memoráveis”, a partir de narrações que estabelecem *ritos* de fixação de uma dada história que se deseja perenizar. Tais estratégias eliminam possibilidades de construir laços com o presente e probabilidades futuras, dado se fixarem em valores e lembranças de alguns poucos sobre o passado de muitos.

Recorro então às palavras de Marc Augé para explicar tais relatos como “fruto da memória e do esquecimento, de um trabalho de composição e de recomposição que reflete a tensão exercida pela espera do futuro sobre a interpretação do passado”⁵ (1998, p. 47, trad. autora). Esses fundamentos são anunciados pelo antropólogo, já no Prólogo do livro *Las formas del olvido* (1998), pela compilação dos estudos que envolvem diferentes noções como: os vestígios da memória e a relação entre recordação e esquecimento; o retorno, o intervalo e o reinício como as três figuras do esquecimento; a indissociabilidade entre relato e vivência. Em resumo, “tem-se que esquecer o passado recente para recobrar o passado remoto”⁶ (p. 9, trad. autora).

Estes mesmos escritos de Augé orientam as bases para a interpretação de *mitos* e *ritos*, conceitos importantes no entendimento da fixação e/ou mobilidade dos símbolos relacionados ao fato da independência nacional. O autor aponta que as tragédias e epopeias gregas eram tidas como ficção, “na medida em que a transformação do *mito* (que implica em esquecimento parcial) se apresenta como expressão de uma memória coletiva que consolida o grupo”⁷ (1998, p. 56). Recorre, ainda, à sua experiência na África para falar sobre os grandes *ritos* “como dispositivos

⁵ Extraído do texto original em espanhol: “*fruto de la memoria y del olvido, de un trabajo de composición y de recomposición que refleja la tensión ejercida por la espera del futuro sobre la interpretación del pasado*” (p. 47).

⁶ Idem Nota 5: “*hay que olvidar el pasado reciente para recobrar el pasado remoto*” (p. 9).

⁷ Idem Nota 5: “*en la medida en que la transformación del mito (que implica su olvido parcial) se presenta como la expresión de una memoria colectiva que consolida al grupo*” (p. 56).

destinados fundamentalmente a pensar e administrar o tempo”⁸ (p. 65), ordenados pela “memória do passado, a espera do futuro e a atenção ao presente”⁹ (Idem)

MUSEU PAULISTA CUMPRE SEU PAPEL

Vivemos num mundo de imagens, onde é a imagem que sanciona e promove a realidade do real. (AUGÉ, 2010, p. 47)



Figura 1: *Independência ou morte* (1888), Pedro Américo, Salão Nobre do Museu Paulista, São Paulo, SP. Fonte: Foto da autora, 2022.

A primeira imagem que nos vem à memória, quando se fala na Independência do Brasil, está relacionada ao fato marcado pelo grito às margens do rio Ipiranga e registrada na tela *Independência ou morte* (1888), de Pedro Américo, exposta no salão nobre do Museu Paulista (Figura 1), desde sua inauguração em 1895. Reiterada

⁸ Idem Nota 5: “la mayor parte de los grandes ritos africanos, que se presentan así como dispositivos destinados fundamentalmente a pensar y a administrar el tempo” (p. 65).

⁹ Idem Nota 5: “la memoria del pasado, la espera del futuro y la atención al presente” (p. 65).

ad nauseam em livros e revistas de História do Brasil, contracapa de cadernos escolares, cartões postais, ratifica a teatralização de um roteiro idealizado, no entanto, fiel aos modelos pictóricos¹⁰ que envolviam batalhas a atos régios e impregnaram as representações História da Arte, nos séculos 18 e 19 (Figura 2).



Figura 2: Reproduções¹¹ da pintura *Independência ou morte* (1888), Pedro Américo.

Utilizando táticas de fixação da forma ao somar a intensidade de reprodução ao apagamento de outras tantas com as quais poderia rivalizar, redundam no *fato real* “sancionado” por ela própria (AUGÉ, 2010, p. 47). Pode-se dizer, então, que esta foi a imagem da independência brasileira que nos foi dada a ver e, portanto, não surpreende ter sido usada como marca d’água no selo comemorativo dos 200 anos. Não por acaso, recortou-se o detalhe da tela que corresponde à mão de D. Pedro empunhando a espada e imprimiu-se um destaque da imagem no centro do selo. Também, não por acaso¹², a escolha das cores recaiu no amarelo luminoso para a mão com a espada, que salta aos olhos em contraste com o esmaecido verde-oliva ao fundo (Figura 3).

¹⁰ Recorde-se a tese de historiadores da arte sobre as semelhanças compositivas e pictóricas de *Independência ou Morte*, de Pedro Américo, com o quadro *A Batalha de Friedeland* pintado treze anos antes por Ernest Meissonier.

¹¹ Da esquerda para a direita: 1. Capa do livro *Personagens da Independência do Brasil*, Rodrigo Trespach. 2. Capa do livro *História da Independência do Brasil*, Francisco Adolfo de Varnhagen. 3. Capa da *Revista Nossa História*, Ano 1, N. 11, 2004. 4. Capa da *Revista A verdade por trás da História do Brasil* “Mitos da Independência”. 5. Cartaz do filme *Independência ou morte*, 1972. 6. Publicidade de Loja de Computadores.

¹² Vale lembrar que as cores verde e amarelo, da bandeira nacional, foram capturadas pelo governo de Jair Bolsonaro (2019-2022).

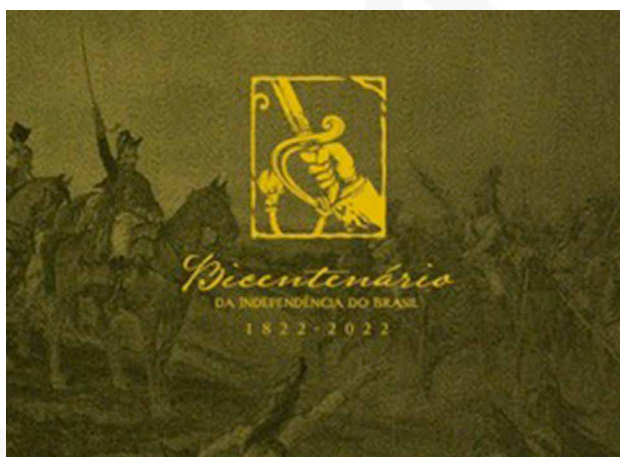


Figura 3: Selo oficial das comemorações do Bicentenário da Independência (2022).
Fonte: Divulgação GOV.BR.

A pintura monumental, de 415 cm x 760 cm, revela uma verdadeira epopeia com a figura equestre de D. Pedro I centralizando a espiral ascendente e circunscrita pelo séquito e Guarda Imperial. Espadas desembainhadas indicam o caminho visual a seguir, enaltecendo o régio ato. Os tons terrosos do solo pátrio se misturam aos personagens populares e compõem a paisagem com os azuis e brancos do céu e dos uniformes de gala. Uma representação gloriosa para um ato solene. Nada que se assemelhe à realidade do fato, comunicado oficialmente apenas duas semanas depois e descrito, alguns anos após o acontecimento, por aqueles que presenciaram o fato.

Na ocasião, segundo consta o príncipe teria proferido o discurso:

Amigos, as Cortes portuguesas querem escravizar-nos e perseguem-nos. De hoje em diante nossas relações estão quebradas. Nenhum laço nos une mais. Laço fora, soldados. Viva a independência, a liberdade e a separação do Brasil! Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será Independência ou Morte. (GOV.BR)¹³.

Curiosamente imortalizado em “prosa e versos”, o gesto do monarca foi o derradeiro de uma série iniciada em 9 de janeiro, Dia do Fico, quando o então

¹³ Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/selo-bicentenario-marca-200-anos-da-independencia-do-brasil>. Acesso em 10 set. 2022.

príncipe regente anunciou que permaneceria no país a despeito do desejo das cortes portuguesas; seguido pela reunião da Assembleia Constituinte em 3 de junho e os manifestos de José Bonifácio¹⁴ de 6 de agosto, assinados por Da. Maria Leopoldina em 02 de setembro¹⁵. O próprio Museu se encarrega de esclarecer os fatos, dividindo *Uma História do Brasil*, no Piso Térreo da Ala Central, entre a *Independência ou morte*¹⁶ e outras pinturas, entre elas a de Maria Quitéria e as de Bandeirantes.

Esses últimos, são igualmente homenageados por duas estátuas - *Fernão Dias e Raposo Tavares*, de Luigi Brizzolara -, que permanecem perfiladas no Saguão¹⁷, desde 1922 em implantação projetada por Afonso d'Escragnolle Taunay¹⁸. O tombamento de tais espaços, que impede mudanças museográficas sensíveis, não foi suficiente para cercear a equipe de pesquisadores do Museu Paulista que se encarregou de reformular conceitos na exposição *Passados Imaginados*, Ala Oeste, atualizando interpretações¹⁹ e expondo-os ao público na reabertura do Museu - em 7 de Setembro de 2022, após prolongado fechamento para reformas.

A nova mostra traz o acervo tratado criticamente, evidenciando o papel educador da Universidade de São Paulo, gestora da instituição, e cumprindo as declaradas missões museológicas – aquisição, conservação, estudo, exposição, transmissão (ICOM, 2007) -,

¹⁴ O estadista José Bonifácio de Andrada e Silva, desde cedo, foi um aliado a D. Pedro I nos planos pela Independência do Brasil, fato que originou o epíteto de Patriarca da Independência e, mais recentemente (2018), o de Patrono da Independência do Brasil.

¹⁵ A princesa, nomeada Regente do Reino do Brasil desde agosto de 1822 quando D. Pedro se encontrava nas Minas Gerais, assinou em 2 de setembro a ata da Reunião do Conselho de Estado, que havia decidido que liberar o país do jugo da coroa portuguesa.

¹⁶ As obras e o local foram tombados como “Coleções arqueológicas, etnográficas, artísticas e históricas, do Museu Paulista da Universidade de São Paulo”, nas instâncias Federal, Estadual e Municipal: 1. IPHAN - Processo 0139-T-38, Livro N. inscr. 027, vol. 1, f. 006, 15/04/1938. 2. CONDEPHAAT – Processo 00342/73, Livro N. inscr. 130, p. 5, s.d. 3. CONPRESP – Resolução 05 – 05/04/1991.

¹⁷ Idem Nota 11.

¹⁸ Como se sabe, o historiador administrou o Museu de 1917 a 1946 durante a gestão de Sérgio Buarque de Holanda e de Mário Neme, ficando à frente das pesquisas nas áreas de história e antropologia.

¹⁹ É possível extrair parte dessas interpretações da exposição *Territórios em Disputa*, situada na Ala Central do Piso B, com uma grande diversidade de objetos, mapas, instrumentos, imagens - pictóricas e de vídeos – sobre a colonização do Brasil e os conflitos envolvendo os europeus – portugueses, espanhóis, franceses e holandeses – em constante disputa pelas terras ocupadas pelos povos originários.

que se revelam nas onze exposições de longa duração. Focando as próprias coleções, as múltiplas salas²⁰ têm temas “derivados das linhas de pesquisa do Museu: Universo do Trabalho, Cotidiano e Sociedade e História do Imaginário, além de apresentar o funcionamento e a história do Museu” (MUSEU do Ipiranga USP).

Distribuem-se em estantes, mesas e painéis mais de 3.500 itens, restaurados e modernizados. São documentos, fotografias, e objetos “produzidas em diferentes períodos do século 16 ao século 20, e que contribuem com pesquisas sobre a história do país e de São Paulo” (MUSEU do Ipiranga USP). Obras consagradas juntam-se ao conjunto de numismática, filatelia e medalhística, bem como às ferramentas profissionais e aos utensílios do espaço doméstico e, como anuncia o *folder*, contam “a história por meio de objetos: antigos e recentes, caros e baratos, raros e banais” (Idem).

Acrescente-se que a diversidade de objetos selecionada e exposta excede as ditas peças consagradas e “*promove múltiplas realidades do real*”, uma clara contribuição para a construção de novas e distintas possibilidades, como para materializar uma resposta a Marc Augé (2010). Neste caso, evidencia-se o compromisso de trabalhar o patrimônio material intensamente, buscando novos modos de exibir e, conseqüentemente, ampliando interpretações à iconografia disponível e favorecendo o aparecimento de uma multiplicidade simbólica imensurável.

MARIA QUITÉRIA (1792-1853) E A INDEPENDÊNCIA

Exemplarmente, a pintura *Maria Quitéria de Jesus Medeiros* (1920), de Domenico Failutti, divide o Salão Nobre do andar térreo com a tela de Pedro Américo²¹. A figura ereta da militar baiana ostenta orgulhosamente o uniforme do Batalhão Voluntários do Príncipe, do qual participou de fins de 1882 a julho de 1883, distinguindo-se nas batalhas de Ilha de Maré, Conceição, Pituba e Itapuã. Destacou-se pela corajosa

²⁰ Conforme descrito no *folder* distribuído pelo Museu Paulista, “[...] completamente renovadas, contabilizando 49 salas expositivas que ganharam novo projeto de mobiliário e iluminação”.

²¹ A tela, que hoje integra o acervo do Museu Paulista, foi encomendada ao autor pela Câmara Municipal de Cachoeira, Bahia e, além dela, outra pintura de Domenico Failutti, *Dona Leopoldina de Habsburgo e seus filhos*, enfatiza o aspecto materno na imagem feminina retratada e compartilha o Salão Nobre com a *Independência ou Morte* de Pedro Américo.

atuação nos combates e, posteriormente, foi condecorada por D. Pedro I com a Imperial Ordem do Cruzeiro, insígnia máxima dada na época a um brasileiro. A uma brasileira!



Figura 4: Maria Quitéria de Jesus Medeiros (1920), de Domenico Failutti, Salão Nobre do Museu Paulista, São Paulo, SP. Fonte: foto da autora, 2022.

Essa questão parece evidente quando restauradores do Museu, por ocasião da reabertura, declararam ter encontrado vestígios de alteração na tela de Failutti²² (Figura 4). O penacho no quepe da guerreira havia sido inclinado, modificando sua condição originalmente ereta. Talvez seja uma deformação fundamentada na

²² As declarações fazem parte do Documentário realizado pelo Canal Arte 1, divulgado durante os dias que antecederam a reabertura do Museu Paulista, em 7 de setembro de 2022, e somaram-se às divulgações do Jornal da USP, em 23/08/2021: “Além da icônica obra ‘Independência ou Morte’, de Pedro Américo, nove telas expostas no Salão Nobre do museu passarão por processo de restauração com recursos do Bank of America Art Conservation Project”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/museu-do-ipuranga-tera-mais-nove-quadros-restaurados-com-recursos-de-doacao/>. Acesso em 15 set. 2022.

“feminilidade desejada” ou, ainda, no esmaecimento do orgulho e altivez, condições reservadas ao sexo masculino. A despeito do conservadorismo e misoginia da sociedade brasileira, a partir de 28 de junho de 1996, Maria Quitéria foi reconhecida como Patronesse do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro e, por Decreto da Presidência da República, teve sua imagem – uma réplica da tela do Museu – afixada em todos as repartições militares da Força.

Ao mesmo tempo, a tela ganha novos olhares a partir da intensa divulgação das comemorações do “2 de Julho” na Bahia, pelos 200 anos da Independência²³, destacando a importância das lutas e das figuras locais, entre as quais Maria Quitéria de Jesus, “Soldado Medeiros”, é incensada com destaque. Nessa data, pode-se ver a reverência da sociedade – instituições e populares – pela quantidade de flores e Bandeiras do Brasil em torno da estátua em sua “femenagem”²⁴, na Praça da Sociedade, Salvador. Do alto de um pedestal de 6,59 metros de altura, a escultura (1953) em bronze, de José P. Barreto, apresenta a imagem de mulher empunhando a espada, em clara ação de luta, e paramentada com uniforme do exército – alterado pela sobreposição de um saiote – idêntico ao representado na pintura do Museu Paulista (Figuras 5).

²³ Vale destacar o espetáculo musical em cartaz no SESC V. Mariana, SP, a partir de 18 de novembro, *Uma leitura dos búzios* com texto de Mônica Santana, direção geral de Marcio Meirelles, direção de movimentos Cristina Castro e direção musical João Millet Meireles. Discute e contextualiza o levante popular bahiano, confrontando-o “com o Brasil contemporâneo, por meio de temas como a independência, a democracia e as sementes e frutos da política e economia colonialista, bem como o legado delas na formação das desigualdades sociais, especialmente sobre o racismo e a manipulação da história”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-sonhos-de-liberdade-do-passado-emergem-em-uma-leitura-dos-buzios-espetaculo-inspirado-em-levante-popular-baiano-que-estrea-no-sesc-vila-mariana/>. Acesso em 30 set. 2022.

²⁴ A palavra “femenagem” foi recentemente incorporada ao vocabulário nacional pelo movimento feminista, para designar a celebração da mulher, um equivalente a “homenagem” para os homens.



Figuras 5: Monumento a Maria Quitéria (1953), José P. Barreto, Praça da Sociedade, Salvador, BA. Fonte: Commons.Wikimedia.Org.²⁵

É uma imagem que persiste em ser figurativa, guardando fidelidade à forma e gestos humanos, mesmo tendo sido realizada em meados do século 20, época posterior às vanguardas artísticas e toda a formulação conceitual que as fundamentaram. Contrasta, mas não se opõe a uma celebração anteriormente feita à heroína em solo soteropolitano, o *Monumento ao 2 de Julho* (1895), de Carlo Nicol. Um conjunto escultórico em mármore branco, completado por figuras alegóricas associadas aos heróis regionais da Independência do Brasil, que centraliza majestosamente a Praça do Campo Grande, Salvador, compondo o espaço público com características do século 19. Nele, Maria Quitéria é representada como uma guerreira em ação, vestindo túnica esvoaçante e parcialmente desfeita, coroada por uma tiara de penas, empunhando escudo e outros adereços (Figura 6). Uma evidente referência às alegorias femininas francesas das obras *A Liberdade guiando o Povo* (1830), de Eugène Delacroix, e *A Marselhesa* (1792), de François Rude.

²⁵ Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Est%C3%A1tua_Maria_Quit%C3%A9ria,_Festa_de_Independ%C3%Aancia_da_Bahia.jpg. Acesso em 05 out. 2022



Figura 6: Detalhe do Monumento ao 2 de Julho (1895), Carlo Nicol, Largo do Campo Grande, Salvador, BA. Fonte: Foto de Bruno Lessa, domínio público Wikimedia.

Mais recentemente, em 2002, a cidade natal²⁶ da guerreira, atual Feira de Santana, erigiu um paredão em granito negro vazado como monumento na confluência das avenidas Maria Quitéria e Getúlio Vargas, projetado pelo arquiteto Luiz Humberto de Carvalho. O monumental plano vertical é interrompido por três frestas sequenciais, atravessadas por vigas coloridas em diferentes angulações – como a romper barreiras, uma provável alusão às batalhas vencidas –; na extremidade oposta, um outro vão com maiores dimensões é reservado à silhueta da imagem consagrada da “Soldado Medeiros”. Uma imagem anunciada, em construção, como a desejar revelações, complementos e reconhecimentos segue em processo. Negando tudo que for definitivo, acabado, fechado (Figura 7).

²⁶ Maria Quitéria de Jesus nasceu no Arraial de São José das Itaporocas, comarca de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, atual município de Feira de Santana, Estado da Bahia.



Figura 7: Monumento a Maria Quitéria (2002), Luiz Humberto de Carvalho, Feira de Santana, BA. Fonte: Divulgação Prefeitura de Feira de Santana.²⁷

O segundo centenário da Independência do Brasil talvez seja o momento adequado para coletar um maior número de dados e reavaliar a memória que nos deram a conhecer dessa mulher negra Maria Quitéria. Talvez, possamos desfazer os apagamentos e tirá-la do confinamento nos quartéis. Fazê-la ressurgir *compondo e recompondo lembranças* por meio de ritualizações em torno da memória de renovadas coletividades, que só agora se sentem autorizadas a revelar e enaltecer seus próprios *mitos*.

MOBILIDADE ESPAÇO-TEMPORAL

Pensar a mobilidade é também repensar o tempo. [...] Pensar a mobilidade no espaço, mas ser incapaz de concebê-la no tempo, essa é finalmente a característica de um pensamento contemporâneo preso na armadilha de uma aceleração que o entorpece e paralisa. (AUGÉ, 2010, p. 100-2)

Na primeira década do século 21, o antropólogo Marc Augé defende a indissociabilidade entre espaço e tempo em estudos da mobilidade no processo de

²⁷ Disponível em: <https://web.facebook.com/photo/?fbid=629062537265326&set=o-monumento-%C3%A0-maria-quit%C3%A9ria-na-avenida-get%C3%BAlio-vargas-sobre-o-t%C3%BAnel-da-avenida-XX>. Acesso em 15 set. 2022.

mundialização contemporâneo e, criticamente, trata o chamado “fim das grandes narrativas”, o “fim da história”, como manifestação em atraso com relação ao evento por falar de uma época sem se dar conta de que nós estávamos já grandemente engajados num novo momento. Por outro lado, a “urbanização do mundo” se apresenta como fenômeno paradoxal “sob dois aspectos contraditórios, [...] de um lado o mundo é uma cidade, [...] de outro lado, a grande cidade é um mundo” (2010, p. 43).

Esta segunda década ainda é atravessada pela mobilidade espaço-temporal, quando presencia as batalhas dos movimentos feministas por lugares de direito, impulsionando a cerrar fileiras em torno de mudanças necessárias na reconstrução do papel histórico da mulher nas sociedades mundo afora, em especial, na brasileira. Daí a importância dos estudos que preenchem as brechas – *apagamentos* - e corrijam os erros impostos por recordações parciais – *lembranças de alguns poucos* – que determinam narrativas hegemônicas total ou parcialmente inverídicas.

Neste cenário, grupos e associações, institutos e fundações nacionais, no desejo de esclarecer os processos históricos, se aglutinam para trazer à tona seus próprios *mitos*, alguns do presente e outros do passado remoto ou recente. Esses grupos crescem exponencialmente em número e distribuição, acionados pela própria realidade do Brasil – chacinas e justiçamentos que atingem na imensa maioria das vezes mulheres e negros periféricos – e se movem pela busca de reconhecimento e afirmação social, muito além da luta racial ou de gênero.

A multiplicidade de agrupamentos surgidos nos últimos 30 anos se encarrega de fazer valer o protagonismo real dos resistentes, subtraído pelos poderosos, reafirmando que os *apagamentos* relacionados à Independência do Brasil são anteriores à “Conjuração Baiana”, ignoram a relevância das revoltas populares por uma nação livre, que incluía o fim do domínio colonial e da escravatura. Na cidade de São Paulo, às vésperas do Bicentenário da Independência, tais coletivos conquistaram alguns espaços para “femenagear” e “homenagear” figuras que lutaram em prol da liberdade, dos direitos, das igualdades, envolvendo-se em diversos movimentos nos diferentes momentos da história brasileira.

No dia 28 de julho de 2022, fazendo parte das comemorações do Dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha (25/07), foi inaugurada a estátua de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), escritora do livro *Quarto de Despejo* (1960), na Praça Júlio Cesar de Campos, Parelheiros. O monumento é o primeiro de uma série de cinco planejados pela Prefeitura de São Paulo²⁸, em honra a personalidades pretas que nasceram ou fizeram parte da vida cultural da cidade. Os próximos visam celebrar: Geraldo Filme (1928-1995), Adhemar Ferreira da Silva (1927-2001), Deolinda Madre (madrinha Eunice) (1909-1995) e Itamar Assumpção (1949-2003).



Figura 8: Placa do Monumento a Marielle Franco (2022), Edgar Duvivier, Praça Mário Lago, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Foto CommonsWikimedia, 2022.

Não por mera coincidência, no mesmo mês e ano, implantou-se uma estátua de Marielle Franco (1979-2018), na Praça Mário Lago, Rio de Janeiro, uma ode à vereadora assassinada em março de 2018 (Figuras 8). O dia escolhido para a inauguração, 27 de julho, relembra os 43 anos de uma vida ceifada pelo ódio a tudo que ela representava: “mulher, negra, favelada, LGBTQIA+ e Defensora dos Direitos Humanos” – como a descreve a placa fixada no monumento em sua “femenagem”. O monumento em bronze retrata com fidelidade figurativa a imagem feminina em pé sobre um pequeno caixote, levantando o braço esquerdo com punho cerrado. O

²⁸ O Projeto foi anunciado em agosto de 2021, após o incêndio à estátua de *Borba Gato*, de Júlio Guerra, e inclui cinco personagens negros da cultura paulistana: a escritora Carolina Maria De Jesus, em Parelheiros; o sambista Geraldo Filme, na Barra Funda; o campeão olímpico Adhemar Ferreira da Silva, na Casa Verde; a fundadora da Escola de Samba Lavapés Deolinda Madre, na Liberdade; e o músico Itamar Assumpção, em Pinheiros.

escultor, Edgar Duvivier, literalmente fixou em tamanho natural, 1,75 m, o gesto de luta da líder política (Figura 9).



Figura 9: Monumento a Marielle Franco (2022), Edgar Duvivier, Praça Mário Lago, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Foto CommonsWikimedia, 2022.

Anteriormente, em 2021, o artista visual Raulzito havia protagonizado um grafite no Escadão Marielle Franco, rua Cardeal Arcoverde, e transplantou as sorridentes feições desta mulher carioca para o espaço público da capital paulista (Figura 10). Trabalhou com o mesmo princípio de fidelidade à figura humana, mas foi além do óbvio coroando-a com versos. Um tributo às suas lutas e à sua personalidade, que sugere um misto de garra, poesia e alegria. A obra desperta histórias, cria ideias, gera inquietação. Remete à *mobilidade do espírito* como ideal absoluto, transporta-nos além de nós mesmos e do nosso entorno, leva-nos “a compreender que é a exigência do universal que relativiza as culturas e não o inverso” (AUGÉ, 2010, p. 108-9).



Figura 10: Grafite a Marielle (2021), Raulzito, Escadão Marielle Franco, Pinheiros, São Paulo, SP.
Fonte: Foto da autora, 2022.

As circunstâncias vão construindo em tempo acelerado as cidades mundializadas e compactando histórias, individuais e coletivas, conjugando presente, passado e futuro. História e memória aliam-se, além das grandes narrativas, em espaços cada vez mais integrados pelos modos de comunicação, universalizando subjetividades e individualizando coletividades. Colocam ao nosso alcance “reinventar o cotidiano [...] para sair do eterno presente fixado pelas imagens em círculo, e fazer mudar o espaço, isto é, a mudar no espaço, a sempre ir ver mais de perto e a não se nutrir exclusivamente de imagens e mensagens” (AUGÉ, 2010, p. 108-9). Escapar daquilo que nos é dado a ver é possível pela utopia da educação, a recordar Paulo Freire no ano de seu centenário. Em nome de uma “mobilidade planetária” (Idem), cabe a nós lutar pela educação inclusiva e libertária que nos ensine a mudar o tempo e o espaço.

CONSIDERAÇÕES

Este curto percurso, passando por alguns dos símbolos da Independência do Brasil e sua constante monumentalização determinada pelas recorrentes estratégias, ilumina algumas das táticas aplicadas à fixação de mitos. Procura esclarecer que o poder de

manipulação das imagens gera o controle da informação e induz a familiaridades que confundem o *fato real* com o *fato ideal*, escamoteando acontecimentos e revelando um mundo fantasmático.

A urgência na desconstrução da História do Brasil escrita por seus colonizadores tem sido abraçada arduamente pelos estudiosos nacionais, que tentam reescrevê-la a partir de relatos, objetos e imagens da vida cotidiana das pessoas comuns, naturalmente diferente das narrativas hegemônicas. Tem sido imensurável a contribuição dada pelas recentes pesquisas pulverizadas em grupos específicos, liderados pelos movimentos feministas, antirracistas, indígenas, LGBTQIA+ entre outros, somando conhecimento para compor a antropologia do povo brasileiro.

Uma antropologia que sabemos múltipla e diversa, distante da história contada pelos “vencedores”, ou melhor, “dominadores”. Cujos mitos surjam da consagração popular e não sejam impostos por lembranças artificialmente fixadas nos corações e mentes, resultando no falseamento da realidade graças à sua insistente repetição. O caso dos monumentos nos espaços públicos, em constante debate entre nós, é um processo em andamento demandando cada vez mais a ampliação das áreas e de projetos, a despeito de alguns o imputarem a influências exteriores.

Apesar da relevância na representatividade dos diferentes setores da sociedade, cabe observar que outras questões podem e devem ser aqui relacionadas, em nome de um real uso dos espaços urbanos pelas novas ocupações artísticas. Entre tantos, vale lembrar a integração ao entorno levando em consideração as possibilidades de fruição da área e da obra; configurá-la dentro dos conceitos das vanguardas artísticas, evitando a figuração literal como única possibilidade de entendimento pelo público; executá-la com materiais e tecnologia contemporâneos pensando nos novos modos de interação entre observador e obra de arte.

Fundamentalmente, apesar das alterações e impermanências do lugar, é essa relação transformadora que garante aceitação e reconhecimento dos monumentos por renovar simbologias associadas ao fato e/ou à pessoa celebrada, pela efemeridade de valores. A invariabilidade e a perenização caracterizam essencialmente peças e

manifestações impositivas, com temas, motivos, alegorias e adereços previsíveis, cuja imutabilidade sinaliza, necessariamente, a própria decadência.

É hora de dar esse salto, romper com as amarras do conservadorismo e fazê-lo em nome da liberdade para criar (ou não) nossos próprios mitos, pela atualização do culto (ou não) a personalidades do mundo contemporâneo e da vida cotidiana, universal ou regional, em fomenagens e homenagens para que delas surjam (ou não) a(o)s nova(o)s guerreira(o)s ou “heroínas(óis)”, como de hábito a(o)s chamamos.

REFERÊNCIAS

Bibliografia citada

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Tradução: Bruno César Cavalcanti / Rachel Rocha de A. Barros. Maceió, Alagoas: UFAL / UNESP, 2010 [2007].

AUGÉ, Marc. *Las formas del olvido*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1998.

DESVALLÉES, André / MAIRESSE, François. *Conceitos chave de museologia*. Tradução: Bruno Brulon Soares / Marília Xavier Cury. São Paulo: Armand Colin, 2010.

MUSEU do Ipiranga USP. *Guia de visitaçào*. São Paulo: PRONAC, 2022.

Fontes eletrônicas e sites

BIOGRAFIA de Maria Quitéria: Disponível em:

<https://www.infoescola.com/biografias/maria-quiteria/>. Acesso em: 20 set. 2022.

CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/coracao-de-dom-pedro-i-chega-ao-brasil-para-bicentenario-da-independencia/>. Acesso em 10 set. 2022.

ESTÁTUAS na Cidade de São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/17/carolina-de-jesus-geraldo-filme-e-outras-personalidades-negras-irao-ganhar-estatuas-na-cidade-de-sp.ghtml> 17/08/21. Acesso em: 20 set. 2022.

GOVERNO do Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/selo-bicentenario-marca-200-anos-da-independencia-do-brasil>. Acesso em: 10 out. 2022.

JORNAL da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/museu-do-ipuranga-tera-mais-nove-quadros-restaurados-com-recursos-de-doacao/>. Acesso em 05 out. 2022.

MONUMENTO a Maria Quitéria. *Jornal Feira Hoje*. Disponível em:
<https://feirahoje.com.br/maria-/>. Acesso em: 15 set. 2022.

MONUMENTO a Marielle Franco. Disponível em:
<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=121196763>. Acesso em:
30 set. 2022.

MONUMENTO a Marielle Franco. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Est%C3%A1tua_Marielle_Franco_%28Rio_de_Janeiro%29#/media/File:Est%C3%A1tua_Marielle_Franco_-_Buraco_do_Lume,_28-07-2022_12.jpg. Acesso em: 30 set. 2022.

MONUMENTO a Marielle Franco. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Est%C3%A1tua_Marielle_Franco_-_Buraco_do_Lume,_28-07-2022_06.jpg?uselang=pt-br. Acesso em: 30 set. 2022.

SANTANA, Mônica. *Uma leitura dos búzios*. Direção Márcio Meireles. Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/os-sonhos-de-liberdade-do-passado-emergem-em-uma-leitura-dos-buzios-espetaculo-inspirado-em-levante-popular-baiano-que-estreia-no-sesc-vila-mariana/>. Acesso em 30 set. 2022.